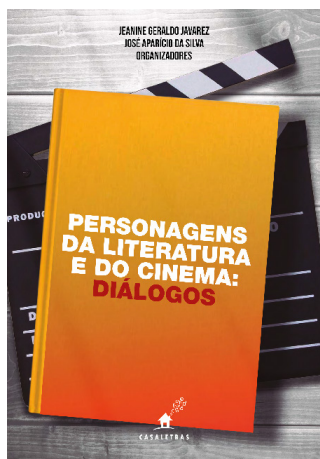


PERSONAGENS DA LITERATURA E DO CINEMA: UMA RESENHA

Daniele S. Durães¹

Sobre JAVAREZ, Jeanine Geraldo; SILVA, José Aparício (Org.). *Personagens da literatura e do cinema: diálogos*. Porto Alegre: Casalettras, 2020. 131p. –ISBN: 978-65-86625-11-0

Resumo: Trata-se de uma publicação decorrente do Grupo de Pesquisa Literatura, Cinema e Ensino, criado em 2018 por um coletivo interessado em discutir temas e questões inerentes aos campos da Literatura, do Cinema e de suas imbricações com a Educação. Composto por 8 textos/ensaios de diferentes autoras e autores, esta coletânea, publicada pela Editora Casalettras em 2020, e organizada por Jeanine Geraldo Javarez e José Aparício da Silva, traz como seu objeto central análises sobre possíveis traduções, adaptações e recriações da literatura para o cinema.

Palavras-Chave: Cinema; Literatura; Narrativas; Educação.

Abstract: This is a publication resulting from the Literature, Cinema and Teaching Research Group, created in 2018 by a collective interested in discussing themes and issues inherent to the fields of Literature, Cinema and its overlap with Education. Composed of 8 texts / essays by different authors, this collection, published by Casalettras in 2020, and organized by Jeanine Geraldo Javarez and José Aparício da Silva, brings as its central object analysis on possible translations, adaptations and recreations of literature for cinema.

Keywords: Cinema; Literature; Narrative; Education.

O livro *Personagens da Literatura e do Cinema: Diálogos*, organizado por Jeanine Geraldo Javarez e José Aparício da Silva é uma publicação do Grupo de Pesquisa *Literatura, Cinema e Ensino*, grupo esse que se dedica à pesquisas relacionadas ao papel da literatura e do cinema no ensino. No caso dessa publicação, reúnem-se artigos sobre processos de tradução e estudos sobre a criação de personagens na Literatura e no Cinema, como Carlos Reis, professor da Universidade de Coimbra afirma já no prefácio: o livro “dá testemunho

¹ Bacharel em Dança pela Universidade Estadual do Paraná – campus de Curitiba II/Faculdade de Artes do Paraná (FAP). Mestranda em Cinema e Artes do Vídeo (PPG-CINEAV) – Unespar/FAP, vinculada à linha de pesquisa 2: Processos de Criação no Cinema e nas Artes do Vídeo. Membro do GP CineCriare – Cinema: criação e reflexão (Unespar/PPG-CINEAV/CNPq). É também membro do GP GPAD - Grupo de Estudos em Audiovisualidades da Dança (UFSM/CNPq). E-mail: duraes.daniele@gmail.com

do que tem sido, nos últimos anos, o desenvolvimento dos estudos narrativos”, tendo em vista que atualmente em termos de estudos narrativos a transmedialidade tem sido uma questão crucial e quando trata-se de personagens, tira sua subjetividade e complexidade das escuras.

Dando continuidade a essa linha de raciocínio, o leitor adentra ao prólogo escrito por Daniel José Gonçalves IFPR/Telêmaco Borba que apresenta a ideia de diálogos, onde defende que é preciso compreender os diálogos entre literatura e cinema. Em se tratando da construção de personagens esse contexto tem estado cada vez mais ligado ao aspecto central da obra, sendo assim, as adaptações precisam lidar com esse aspecto, em suas palavras: “*teia discursiva para desenvolver o próprio discurso e encontrar soluções estéticas para a relação ética-estética conduzida pelo texto*” e em seguida abre caminhos para que o leitor possa iniciar sua leitura e desbravar um pouco mais desse universo que aprofunda o entendimento desses processos de tradução e(m) diálogos.

O primeiro artigo do livro, intitulado *O funcionamento da narrativa de Rodrigo S. M. na adaptação fílmica de ‘A Hora da Estrela’*, escrito por Ana Claudia Pereira Andruchiw – mestrandia em Estudos da Linguagem pela UEPG –, busca compreender como se dá a narrativa fílmica em *A Hora da Estrela* (1985) onde, na versão literária de Clarice Lispector, a narrativa se constrói de modo metaficcional em que a história se passa dentro de outra história, e o personagem Rodrigo S. M, um escritor, narra a história de Macabéa, uma jovem nordestina órfã, criada e também mal tratada por sua tia beata. A autora inicia o texto trazendo informações sobre como acontece a narrativa na versão literária, comenta alguns elementos estéticos encontrados nos trabalhos de Clarice Lispector e dá ênfase no personagem do narrador, elemento importante que conduz e direciona o leitor aos aspectos emocionais e ao sofrimento silencioso da personagem Macabéa.

Em seguida, a autora passa a discorrer sobre os aspectos e escolhas estéticas da versão cinematográfica, onde esse personagem que narra a história não aparece. Porém, a autora adentra mais profundamente no assunto através de exemplos e análises cênicas do filme mostrando que embora o personagem do escritor não apareça no filme enquanto um personagem, a autora através de profunda análise sugere que Suzana Amaral utiliza-se da técnica cinematográfica para a construção da função do narrador, trazendo para a

diegese do filme a essência emocional e silenciosa da personagem Macabéa. A autora empreende essa análise por meio de comparações, nas quais apresenta as diferentes escolhas narrativas que Suzana Amaral fez para dar luz ao longa metragem, e em especial nos apresenta de que modo a diretora foi trazendo a câmera e a trilha sonora para dentro da diegese do filme para nos apresentar Macabéa, tornando a técnica cinematográfica que costumeiramente está atrelada à não diegese do filme, parte da narrativa fílmica e diegética.

Dando sequência à leitura do livro, no segundo artigo nomeado *O Corpo, a Morte & a Fantasmagoria da Memória em 'Sharp Objects'*, o autor Andrio J. R do Santos – Doutor em Letras – Estudos Literários pela (UFSM) – nos apresenta uma análise de narrativas e construção de personagens de forma comparativa entre a minissérie da HBO *Sharp Objects* criada pela diretora e produtora Marti Noxon que adapta o romance de mesmo nome de Gillian Flynn (2006). O autor traça os comparativos apresentando paralelamente, ao longo do texto e de forma alternada, trechos em inglês do romance literário e comentários sobre cenas da minissérie, analisando profundamente as estratégias de narrativa e a construção da *psiquê* da personagem, Camille Preaker, jornalista que retorna para sua cidade natal, Wind Gap, “*para cobrir um caso que seu editor, Frank Curry, parece considerar promissor: o desaparecimento de Natalie Keene de quatorze anos; o editor de Camille a envia à cidade porque, um ano antes a localidade já se horrorizara com o assassinato da jovem Ann Nash (...) ele acredita que o desaparecimento de uma segunda menina configure a presença de um assassino em série*”.

Conforme o autor nos apresenta fatos importantes para a compreensão de ambas as narrativas ele expõe gradativamente o sentimento de raiva como um aspecto relevante para as personagens femininas e através de paralelos entre narrativa literária e da minissérie vai nos aprofundando em questões que são essenciais para o percurso da história de Camille e de outras personagens que ao decorrer da história. Ele apresenta inicialmente as questões de memória e alienação que em suas palavras “*trabalham de forma mais particular e sutil em relação à Camille*” trazendo referências como o escopo do subgênero literário estadunidense *Southern Gothic* (gótico sulista), para melhor descrever a ambientação sombria e violenta sob um verniz de tranquilidade. Destaca-se o amplo entendimento e referenciais a respeito do corpo, onde o autor nos direciona à passagens

do texto e de cenas da série onde as narrativas nos permitem conhecer mais sobre a memória de Camille através de suas experiências físico sensoriais, como suas cicatrizes e as lembranças de momentos em que a mesma se automutilava. Ao finalizar o texto, o autor se detém um pouco mais a produção televisiva discutindo o papel central da memória no desenvolvimento da personagem Camille em ambas as narrativas e a compreensão da noção de materialidade da experiência de Camille a partir de recursos da diegese da narrativa da minissérie, em que presente e passado se confundem e as “*memórias sangram no presente*”, enquanto na narrativa verbal suas memórias são sugeridas nas palavras do autor “*emoldurada por uma edição e comentários frutos da rememoração*”. Santos nos aproxima da noção de fantasmagoria da memória acentuando ainda mais o carácter sombrio e angustiante dos sentimentos de Camille ao decorrer da história repleta de tragédia e sensualidade, características do Gótico Sulista, elucidando também o tom moroso e úmido da cidade e o ar soturno e visceral presente em ambas as narrativas.

A seguir, voltamos a falar de literatura e cinema brasileiro, agora com artigo da Doutora em Comunicação e Linguagens pela UTP – Cristiane Wosniak – e intitulado ‘*Vida Vertiginosa*’, de Luiz Carlos Lacerda: a (des)construção intertextual de personagens a partir dos contos de João do Rio. A autora dá início à análise apresentando o desejo de explorar alguns excertos do curta-metragem *Vida Vertiginosa* (2009), do cineasta brasileiro Luiz Carlos Lacerda, baseado na obra do escritor e jornalista carioca Paulo Barreto (conhecido como João do Rio), em especial o livro *A Mulher e os Espelhos* (1919) onde se encontra o conto *A Aventura de Rosendo Moura*. Em subsequência, a autora passa a contextualizar seu interesse na obras dos criadores em questão e cita o Grupo de Pesquisa CineCriare – Cinema: Criação e Reflexão vinculado ao Mestrado em Cinema e Artes do Vídeo (PPG-CINEAV/Unespar/FAP) como responsável por seu interesse em analisar mais profundamente o assunto. Inicia então o artigo apresentando seu referencial teórico que ancora a análise, revelando sua pergunta norteadora: “*até que ponto necessita o cineasta ser ‘fiel’ à narrativa literária quando traduzida/adaptada ou estilizada para a linguagem cinematográfica?*”, contextualizando vida e obra de ambos os criadores e anunciando que o exercício analítico se debruçaria em traços de citação e alusão intertextual. A autora destaca que Lacerda subverte a narrativa literária, invertendo o papel do narrador que cabe a Rosendo Moura no

conto original de João do Rio, deslocando o papel de protagonista da narração para a voz de uma das atrizes, o que sugere, característica de uma derivação intertextual, ou seja, quando há uma transposição de um (ou de vários) sistema(s) de signos um do outro, nesse caso, em *Vidas Vertiginosas* ocorrem referências explícitas ao conjunto dos contos de João do Rio e para citar/vislumbrar exemplos dessa intertextualidade a autora utiliza-se de alguns *frames* do filme, dos quais ela vai apontando algumas das citações que aparecem como pistas sutis e quase que imperceptíveis utilizadas como recurso da narrativa cinematográfica. Tal raciocínio é aplicado à análise, ao mesmo tempo que destaca a participação do espectador/leitor como ser ativo decodificador desses signos de (re)escritura, enquanto discorre sobre a (de)codificação das personagens. A autora por fim, após extensa análise, destaca que o estudo evidencia que na “*decodificação de textos audiovisuais e abertos, as possibilidades são polissemicamente infinitas.*”

O artigo em sequência, *Amantes Silenciosos* – de autoria de Larissa de Cássia Antunes Ribeiro, Doutora em Estudos Literários pela UFPR –, dedica-se a analisar a obra literária *L'Amant* (1984) de Marguerite Duras e sua adaptação fílmica, *The Lover* (1991) a partir da perspectiva do silêncio, ou seja, daquilo não dito, a partir de análise dos desenhos das personagens principais: o amante e a jovem. Defende-se a ideia de que o silêncio não diz, mas significa e para dar início à análise de ambas as narrativas a autora contextualiza o leitor sobre cada uma das personagens, seus aspectos sociais e psicológicos, informações importantes para dar sequência à leitura mas também enfatizando trechos e características dos recursos de linguagens utilizados para dar alusão a esses contextos. Para isso utiliza de citações do livro em francês, com tradução própria e em seguida compara esses mesmos trechos com a narrativa cinematográfica, destacando seus diferentes recursos de linguagem. Dentre essas alusões a autora estuda as características físicas e emocionais de cada personagem em relação com o outro e também aspectos de linguagem que situam o leitor/espectador em relação ao cenário, aspectos das vestimentas das personagens, movimento, a passagem de tempo e as cores de ambas as narrativas. A autora destaca que ambas as obras acontecem na dúvida do leitor/espectador, pois é a ele que cabe a responsabilidade de preencher as lacunas do não dito.

O artigo seguinte, intitulado *A Poética dos 'Close Ups' na construção da Personagem Elizabeth Bennet, em 'Orgulho e Preconceito', de Joe Wright* – de autoria de Thathiane Prochner, Mestre em Linguagem, Identidade e Subjetividade e professora colaboradora da UEPG – aproxima-nos da obra cinematográfica *Orgulho e Preconceito* (2005), dirigida por Joe Wright adaptação da obra literária de mesmo nome da autora inglesa Jane Austen de (1813) a partir de elementos da construção da personagem Elizabeth Bennet. A autora dá início ao seu estudo destacando que a personagem central de ambas as obras passa por diversas transformações das quais os sentimentos em ênfase são: seu orgulho e preconceito, nesse caso, em relação ao personagem de Mr. Darcy, rapaz que lhe pede em casamento e que Elizabeth nega. Nesse processo a autora destaca autores que ancoram seu argumento a respeito dos *close-ups*, onde ela afirma estar a ênfase da presente análise. Para dar continuidade no estudo a autora apresenta conceitos de *close-up* que serão essenciais para o desenrolar da análise, pois a mesma destaca o poder de dar ênfase à aspectos específicos da personagem e também à sua subjetividade.

Para discursar sobre *close-up* a autora convida Xavier para sustentar seus argumentos e ao decorrer do texto vai intercalando cenas em *close-up* do filme que considera essenciais à transformação da personagem Elizabeth, apresentando *frames* da obra cinematográfica e discorrendo sobre os elementos detalhados nas imagens, como os olhos de Elizabeth e seu reflexo no espelho num momento de reflexão, por exemplo. A autora finaliza sua análise destacando que as cenas escolhidas “*priorizam imagens introspectivas da protagonista, dispensando o aprofundamento em diálogos ou palavras*” e apresenta a ideia de que espectador participa ativamente no processo de construção de subjetividade da personagem Elizabeth juntamente com as possibilidades interpretativas que a técnica de *closeup* permite.

Saímos agora do Cinema e vamos para o Teatro, com o texto *A peça teatral, suas cenas e personagens* de autoria de Jeferson Araújo Moraes, Mestre em Artes pelo Programa de Mestrado Profissional em Artes (PROF-ARTES) e Professor no Instituto Federal do Paraná/campus Pinhais. Em seu artigo o autor apresenta a peça de “*produção autoral Renatal, baseada na história cristã do Natal, e tem como pano de fundo a cidade de Mariana, antes, durante e depois do estouro da barragem de Fundão*”. Inicialmente o autor

contextualiza a história da cidade de Mariana, no estado de Minas Gerais e o que causou a tragédia ambiental no dia 05 de novembro de 2015 e seus desdobramentos políticos, midiáticos, ambientais e sociais. Na sequência, apresenta o objetivo crítico contemporâneo da peça e narra a história popularmente conhecida do nascimento de Jesus Cristo através dos textos de Lucas e Mateus, na Bíblia Sagrada. Em seguida, o autor nos revela quais foram suas escolhas para dar luz aos seus novos personagens que simbolizam e fazem alusão aos personagens da história cristã conhecida popularmente de modo transposto, mas que reúnem elementos culturais da cidade de Mariana, como: O Rio Doce, representado pelo velho pescador ferido; João, Maria e José, que representam os moradores da comunidade; o presidente da TioSamMarco, seu assessor e sua secretária representando o poder do capital da empresa causadora da tragédia; os ambientalistas, que alertam sobre os riscos de um possível rompimento de barragem; a Lama, faz alusão ao coro grego e sua sensação de culpa pelo ocorrido; a Índia Krenak, faz alusão à dor dos povos indígenas; e os voluntários, que ajudam nas buscas pelo casal perdido. O artigo se desenrola conforme o autor apresenta sua análise, cena a cena, exemplificadas com imagens, com ênfase na criação de cada personagem e suas funções desempenhadas no decorrer da peça, que usa a dramaturgia para fazer uma denúncia e apontar detalhes invisibilizados pela cobertura midiática e pela empresa responsável.

A seguir, no texto *A Vida como Princípio da Morte e Razão da Existência na construção do personagem Zé do Caixão*, o autor José Aparício da Silva – professor de História no IFPR-campus Pinhais e Mestre em Ciências Sociais Aplicadas pela UEPG –, destaca a relação dupla entre arte e vida do cineasta brasileiro José Mojica Marins e sua personagem Zé do Caixão, hoje um ícone da cultura popular brasileira a partir de questionamentos existencialistas a respeito de morte e vida. O autor contextualiza a vida e carreira de José Mojica Marins e seu processo de criação da personagem Zé do Caixão, que nasce de um sonho (ou seria pesadelo?) do cineasta que empresta seu corpo e sua voz para dar materialidade ao tão polêmico e assustador Zé do Caixão, a ponto de ser confundido em toda a sua vida com a personagem. Silva apresenta a sequência dos filmes: *A meia noite levarei sua alma* (1964); *Esta noite encarnarei no teu cadáver* (1966); e *Encarnação do Demônio* (2008) e discorre a respeito da criação da personagem,

comparando o cineasta brasileiro com o diretor dinamarquês Lars Von Trier, tratando-se de questões existencialistas e questionadoras a respeito de sincretismo religioso, messianismo, e imagens de ultraviolência bem como compara alguns recursos cinematográficos, como os *close-ups*, câmera na mão e etc. O artigo ainda finaliza lançando a seguinte questão: *o que é a vida?*

Por fim, o último artigo do livro *O estadista e a Morte na crônica 'No mesmo Hotel', de Eça de Queiroz* da autora Jeanine Geraldo Javarez – doutoranda em Estudos Literários pela UFPR – se propõe a analisar as personagens, a partir do papel do narrador, na crônica *No mesmo Hotel* de Eça de Queiroz, publicada na *Revista Moderna* em 05 de setembro de 1897. Javarez apresenta as personagens: assassino e assassinado, cujo processo de figuração colhe informações do mundo extradiegético, onde a figuração das personagens ocorre dentro da própria narrativa.

Para fazer a análise a autora utiliza trechos da crônica em que destaca a presença de elementos literários extradiegéticos que auxiliam na exemplificação e dão corpo ao seu argumento onde vai grifando e comentando a respeito dessas características. A autora finaliza comentando a respeito da noção de tempo, espaço e conflito, que vem da notícia jornalística e que também passam a se tornar diegéticas, embora façam parte do universo extradiegético da obra.

Na finalização dessa resenha, em se tratando de adaptações e releituras, resalto o que Daniel Gonçalves já no prólogo evidencia, que “*o cinema não traduz a literatura, ele é um novo universal, um novo texto que dialoga e tensiona com a obra fonte*”. Esse é um livro que, claramente, dedica-se em sua maior parte aos processos de tradução e transposição, centralizando a figura das personagens como recursos de narrativa, dando luz não apenas a uma cada vez mais aprofundada área do conhecimento mas também a complexidades de suas subjetividades, valorando e legitimando seu papel essencial e potencial narrativo.

Destaco, por fim, a importância e relevância do papel do Grupo de Pesquisa *Literatura, Cinema e Ensino* que nos apresenta na publicação aqui em questão, de forma substancial, uma demonstração de seu trabalho coletivo.

REFERÊNCIA

JAVAREZ, Jeanine Geraldo; SILVA, José Aparício (Org.). **Personagens da literatura e do cinema: diálogos**. Porto Alegre: Casalettras, 2020.

Recebido em: 30/11/2020

Aceito em: 15/12/2020